

“Como Obra de Arte, cheia de Beleza”: o pensamento católico nos fazeres historiográficos de José Silvério Leite Fontes

Magno Francisco de Jesus Santos*

Resumo

José Silvério Leite Fontes (1925-2005) foi um dos principais intelectuais sergipanos do século XX. Trata-se de um polígrafo que denotou significativas contribuições no pensamento jurídico, sociológico e historiográfico, além de ter apresentado uma postura militante nos âmbitos sindical e católico. Pautado nesta premissa, este artigo tem o escopo de analisar o pensamento católico nos fazeres historiográficos de José Silvério Leite Fontes. Pautada na noção de intelectual, a análise teve por lastro os escritos do autor, notadamente, os textos históricos, os discursos e os artigos publicados na Revista do IHGSE, que evidenciavam seus princípios humanísticos, religiosos e militantes. Neste sentido, os seus escritos sinalizam para questões que perpassavam a defesa epistemológica atinente aos fazeres historiográficos e a defesa de um humanismo arraigado nos pilares da esquerda católica.

Palavras-chave: José Silvério Leite Fontes, historiografia sergipana, catolicismo.

215



* Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutor em História pela UFF. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq-2. E-mail: magno.santos@ufrn.br

“Like a work of art, full of beauty”: Catholic thought in the historiographical works of José Silvério Leite Fontes

“Como una obra de arte, llena de belleza”: El pensamiento católico en la obra historiográfica de José Silvério Leite Fontes

Abstract

José Silvério Leite Fontes (1925-2005) was one of Sergipe's leading intellectuals of the 20th century. He was a polygraphist who made significant contributions to legal, sociological, and historiographical thought, in addition to demonstrating an active stance in trade union and Catholic circles. Based on this premise, this article aims to analyze Catholic thought in the historiographical works of José Silvério Leite Fontes. Based on the notion of intellectual, the analysis was based on the author's writings, notably the historical texts, speeches, and articles published in the IHGSE Journal, which evidenced his humanistic, religious, and militant principles. In this sense, his writings point to issues that permeated the epistemological defense of historiographical works and the defense of a humanism rooted in the pillars of the Catholic left.

Keywords: José Silvério Leite Fontes, Sergipe historiography, Catholicism.

Resumen

José Silvério Leite Fontes (1925-2005) fue uno de los principales intelectuales sergipeños del siglo XX. Fue polígrafista y realizó importantes contribuciones al pensamiento jurídico, sociológico e historiográfico, además de haber demostrado una postura activista tanto en el ámbito sindical como en el católico. Partiendo de esta premisa, este artículo tiene el objetivo de examinar el pensamiento católico en la obra historiográfica de José Silvério Leite Fontes. Pautado en la noción de intelectual, el análisis se basó en los escritos del autor, en particular en los textos históricos, discursos y artículos publicados en la Revista IHGSE, que destacaron sus principios humanísticos, religiosos y militantes. En este sentido, sus escritos destacan cuestiones que permearon la defensa epistemológica de las obras historiográficas y la defensa de un humanismo arraigado en los pilares de la izquierda católica.

Palabras clave: José Silvério Leite Fontes, historiografía de Sergipe, catolicismo.



Introdução

1958. No antigo Atheneu Sergipense, então denominado Colégio Estadual de Sergipe, um jovem intelectual percorria os corredores em direção ao salão onde acontecia o concorrido concurso para professor catedrático de História Geral. De acordo com as palavras do historiador Ibarê Dantas, tratava-se de “um dos mais difíceis concursos da época” (Dantas, 2006, p. 300). Ao adentrar o salão, provido de entusiasmo e segurança, o candidato defendeu a sua tese inédita, na qual versava sobre um delicado problema historiográfico: a formação do conceito de fato histórico na cultura ocidental.

O então candidato ao cargo de professor catedrático do Colégio Estadual de Sergipe era José Silvério Leite Fontes (1925-2005). Tratava-se de um erudito intelectual, um *habitué* na imprensa sergipana e que lecionava em inúmeras instituições educacionais, tanto no ensino secundário, quanto nas faculdades. Ele exercia a docência em escolas como o Patrocínio de São José, a Faculdade Católica de Filosofia e a Faculdade de Direito. Além disso, desde 1952, era docente catedrático do Instituto de Educação Rui Barbosa, onde foi aprovado em concurso com a tese “Jackson de Figueredo: o sentido de sua obra”.

Com o novo cargo pleiteado, o intelectual galgava um espaço privilegiado no pensamento historiográfico, tornando-se um dos mais importantes nomes na retomada da sistematização epistêmica do conhecimento histórico em terras sergipanas, ao dar sequência ao legado construído por pensadores da história como Felisbelo Freire, Fausto Cardoso e Manuel Bomfim.¹ Neste sentido, o argumento defendido por Ibarê Dantas, de forma pertinente, situa o conhecimento historiográfico apresentado pelo intelectual, pois em sua tese ele havia mostrado “sua familiaridade com o pensamento dos principais historiadores e filósofos que plasmaram a cultura do velho mundo, assim como deixou patente a força de sua erudição vasta e segura” (Dantas, 2006, p. 300).

¹ Em diferentes momentos encontramos esforços de intelectuais sergipanos no tratamento epistêmico nos âmbitos da teoria da História e da História da Historiografia, com destaque para Felisbelo Freire em 1891 (Alves, 2010), Fausto Cardoso em 1895 (Detoni, 2021), e Manuel Bomfim em 1930 (Gontijo, 2003; Santos, 2021).



Nesta tese apresentada nos idos de 1958, José Silvério Leite Fontes explicitou sua concepção de história, que reverberava um esforço de definição epistêmica. Tratava-se de uma acepção que revelava as imbricações oriundas da arte, ciência e fé, ou seja, aspectos que de algum modo permearam a seu pensamento e as suas ações de militância. Na tese defendida nos idos de 1958, Silvério Fontes defendeu:

Quem se crê chamado a uma união de vida sobrenatural com todos os homens, seus irmãos, diante da História, sente o contentamento de conhecer melhormente esses homens, com os quais deve partilhar o mesmo patrimônio de ser divino. A História *como obra de arte, cheia de beleza*, pois exprime, no cambiante de suas figuras, uma idêntica ideia, milionária de possibilidades de existência. Quem vê deste modo, a História, não pode deixar de repetir, contemplando-a, o famoso verso de Keats: “a thing of beauty is a joy for ever”² (Fontes, 2020, p. 116) [1958].



Essa concepção de história carregada de humanismo e de conotação religiosa cristã, explicita o quanto José Silvério Leite Fontes foi um intelectual que pensou os fazeres historiográficos de forma peculiar, ao aliar ciência e fé, militância e contemplação, pensamento e ação. Neste sentido, este artigo tem como escopo o pensamento católico nos fazeres historiográficos de José Silvério Leite Fontes.

Para empreender essa proposta, aciono como lastro documental os diferentes escritos produzidos pelo autor que denotam a sua concepção de história, seja de modo mais explícito, em exercícios de reflexão epistêmica, seja de modo mais operacional, ao discorrer sobre problemas historiográficos. Com isso, mobilizo os textos históricos, os discursos e os artigos publicados na Revista do IHGSE, que evidenciavam seus princípios humanísticos, religiosos e militantes.

A análise encontra-se ancorada na noção de intelectual estabelecida por Jean-François Sirinelli, na qual “podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada

² Em tradução livre: “uma coisa bela é uma alegria para sempre”.

na noção de engajamento” (Sirinelli, 2003, p. 242). Ao mobilizar essa noção implica em acatar o desafio de pensar uma trajetória a partir de uma categoria polissêmica e polimorfa, pois exige que:

A história política dos intelectuais passa obrigatoriamente pela pesquisa, longa e ingrata, e pela exegese de textos, e particularmente de textos impressos, primeiro suporte dos fatos de opinião, em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo; e sua história social exige a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopografias. Aberturas conceituais e progressos do conhecimento custam esse preço, mesmo que nas últimas décadas, em certos setores da corporação historiadora, tenha sido considerado de bom-tom ridicularizar a “erudição” (Sirinelli, 2003, p. 245).

Pautado no propósito de enveredar nos fazeres historiográficos de José Silvério Leite Fontes, desconsidere os seus escritos que problematizavam campos destoantes da história, como os textos de teor jurídico. Assim, estruturei o texto em dois momentos. No primeiro, discorro sobre o aspecto da fortuna crítica de Silvério Fontes no âmbito da historiografia sergipana, com ênfase para os textos que discorrem acerca de suas contribuições e avaliação de seu legado, por meio de necrológios ou análises atinentes à história da historiografia. No segundo momento discuto a concepção de história pelo autor, a partir de seus escritos, com teses e artigos que problematizaram os fazeres historiográficos.

1 “Um homem de pensamento e ação respaldados por uma fé inabalável”: fortuna crítica de José Silvério Leite Fontes

Na edição de 2006, o número 35 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe trazia o necrológio de José Silvério Leite Fontes, oriundo da pena do então presidente, José Ibarê Costa Dantas, que sob o peso da perda, lamentava: “Com a morte do professor José Silvério Leite Fontes, ocorrida no dia 06 de dezembro de



2005, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) perdeu um dos seus sócios beneméritos mais ilustres” (Dantas, 2006, p. 299). O escrito proveniente do sócio que ocupava o mais alto cargo do sodalício explicitava a relevância do intelectual falecido, assim como os laços de amizade entre os dois historiadores.

A morte do ilustre historiador, que havia se notabilizado pela longa trajetória na docência na Universidade Federal de Sergipe, ao longo da segunda metade do século XX, mobilizou grande parte do cenário intelectual sergipano. Era o momento de perda, de encerramento de uma fase na qual Silvério Fontes exerceu uma significativa contribuição na historiografia estadual. De forma recorrente, a morte, como epílogo da trajetória intelectual, explicita momentos de retomadas, de evidência dos sujeitos, de avaliação das contribuições historiográficas.

Esse foi o caso da historiadora Maria Thetis Nunes, ao destacar as semelhanças no processo formativo e de atuação profissional, apesar dos distanciamentos de pensamento. O necrológio publicado na Revista da Academia Sergipana de Letras e assinado pela traquejada historiadora destacou:

fomos companheiros de residência num pensionato em Salvador, ele, aluno da Faculdade de Direito, eu da Faculdade de Filosofia cursando Geografia e História. Tornamo-nos bons amigos, embora trilhássemos caminhos bem distintos... Ele, participando da Juventude Universitária Católica, influenciado pelo renomado professor Herbert Parentes Fortes, buscando, na filosofia e na teologia, explicações para os problemas do mundo, principalmente através dos escritos de Jaques Maritain e Leon Bloy (Nunes, 2005).

Nas palavras de Thetis Nunes, desde a juventude Silvério Fontes já demonstrava uma proximidade com o pensamento católico por meio da apropriação das ideias de intelectuais franceses que haviam contribuído para a renovação da filosofia tomista ao longo do século XX. No entendimento de Renato Amado Peixoto, a influência de Jacques Maritain na América Latina difundiu-se a partir de meados da década de 1930, quando ele realizou uma viagem por cidades da Argentina, Uruguai e Brasil:



Jaqes Maritain esteve na América do Sul entre 10 de agosto e 21 de outubro de 1936, cumprindo uma extensa agenda nas cidades de Buenos Aires, Rosário, Córdoba, Montevideu e Rio de Janeiro, ou seja, o filósofo demorou aqui 65 dias, 59 dos quais passados na Argentina (Peixoto, 2023, p. 23).

Neste sentido, é compreensível que, ao longo da década de 1940, ao estudar em Salvador, a repercussão do pensamento de Maritain instigou os jovens estudantes católicos, notadamente, pessoas como Silvério Fontes, que integrava a Juventude Universitária Católica (JUC). Tratava-se de um movimento que exerceria grande influência entre os jovens universitários sergipanos a partir do decênio posterior (Santos, 2015). Por isso, de forma pertinente, Afonso Nascimento argumentou que “na sua vida, pensamento e ação se combinavam com muita coerência. A sua reflexão e a sua ação derivavam de sua fé e de seu embasamento em filósofos católicos como Jacques Maritain, Teilhard de Chardin e Emmanuel Mounier” (Nascimento, 2024, p. 1).

Essa dimensão católica do intelectual sergipano foi destacada por João Paulo Gama Oliveira, que ao estudar o percurso dos pioneiros docentes da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, ressaltou a formação católica de Silvério Fontes: “cabe destacar também a participação de Silvério Leite na Ação Católica da Bahia que, em conjunto com os ensinamentos do professor Herbert Parentes Fortes, contribuíram sobremaneira para a formação do católico militante” (Oliveira, 2015, p. 206). No caso de Silvério Fontes, essa militância era desdobrada tanto em defesa de seus princípios católicos, quanto na luta sindical docente, incluindo o decisivo papel exercido na liderança da greve dos professores do estado de Sergipe em 1963.³

Todavia, as contribuições de Silvério Fontes no âmbito dos fazeres historiográficos sergipanos extrapolam à questão do catolicis-

³ Sobre essa greve, Ibarê Dantas destacou: “Sabendo do avanço do movimento operário na Europa e conhecendo os problemas dos professores, em início dos anos sessenta dedicou-se à política sindical, tornando-se secretário, vice-presidente e, enfim, presidente do sindicato dos professores do Estado, impondo-se como um dos líderes sindicais mais ouvidos e respeitados daquele momento” (Dantas, 2006, p. 301).



mo e do sindicalismo. Elas perpassam também pelo zelo na salvaguarda documental e na sistematização dos pilares da historiografia aracajuana. De acordo com Itamar Freitas, disso “decorre, talvez, a mais significativa contribuição do ensaio à historiografia sobre Aracaju: a divisão em cinco fases” (Freitas, 2003, p. 218).

Assim, Itamar Freitas considera Silvério Fontes um intelectual que havia preparado os pilares para a renovação da historiografia sergipana, ao demandar a reorganização dos acervos que permitiriam o fortalecimento de um novo fôlego à heurística nos arquivos estaduais. Essas demandas tiveram como palco principal de defesa o Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, onde Silvério Fontes esteve a frente da cadeira de Introdução aos Estudos Históricos. Ibarê Dantas ressalta:

Lecionando Filosofia e Metodologia da História, entre outras disciplinas, preocupou-se com a situação dos arquivos públicos. Elaborou projeto de levantamento das fontes primárias da História de Sergipe, participou de congressos e estimulou a reorganização dos arquivos. Por esse tempo, foi ao Rio de Janeiro e conseguiu cópia de grande parte da documentação da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional sobre Sergipe e entregou-a ao Departamento de História (Dantas, 2012, p. 312).

Imbuído da preocupação em fomentar novas pesquisas e a formação de uma renovada geração de profissionais da História, Silvério Fontes corroborou para a heurística e disponibilização de documentos sobre a história sergipana que até então estavam dispersos em acervos do país. No entendimento de Itamar Freitas, grande parte dos pleitos apresentados pelo historiador foi contemplado, pois, muito “do que ele precisava para enriquecer o seu ensaio está catalogado no Arquivo Estadual, no Instituto Histórico, na Cúria Metropolitana, no Arquivo do Judiciário, entre outros (Freitas, 2007, p. 219).

Essas pautas defendidas por José Silvério Leite Fontes, em grande medida, refletiam as demandas que estavam em discussão no âmbito da historiografia brasileira, em um contexto amplamente



marcado pela renovação da pesquisa e profissionalização da escrita da História (Nobre, 2023). Neste processo, docentes da disciplina Introdução aos Estudos Históricos atuaram em defesa da organização dos acervos estaduais no intuito de fomentar o fortalecimento da pesquisa histórica. Tratava-se de questões que, de algum modo, eram pautadas desde 1961, quando ocorreu em Marília o primeiro Simpósio de Professores Universitários de História (Oliveira, 2011) e a fundação da então Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH).

Todavia, essas inquietações se tornaram mais sistêmicas a partir do final da década de 1960, quando a ANPUH passou a realizar o “Encontro Brasileiro sobre Introdução ao Estudo da História”. O evento foi realizado pela primeira vez em 1968 e era promovido pelo núcleo estadual da Associação dos Professores Universitários de História. De acordo com João Ernani Furtado Filho, “o simpósio pretendia favorecer a troca de experiências e o debate de problemas verificados no começo dessa formação acadêmica” (Furtado Filho, 2017, p. 180). Era um evento que reunia professores de todo o país e que propulsionou o estímulo ao uso de acervos no ensino de História nos cursos de graduação. Samuel Albuquerque chama a atenção para a participação de Silvério Fontes no III Encontro de Professores de Introdução aos Estudos Históricos, realizado na Unicamp em 1972. Assim, ele “apresentou o projeto ‘Levantamento das fontes primárias da história de Sergipe’, cuja execução capitaneava em seu pequeno estado” (Albuquerque, 2016, p. 39). Essa postura docente protagonizada por Silvério Fontes também foi ressaltada por Antônio Lindvaldo Souza, que em texto didático voltado para o curso de graduação à distância, considerou em largos traços:

Notemos que ele assinala que essa fase é marcada por um sentimento coletivo de ensino e pesquisa sobre o passado local e pelo processo de institucionalização do curso de História (...). Também tem haver (sic) com a criação da cadeira de Introdução aos Estudos Históricos do curso de História e Geografia pertencente a Faculdade Católica de Filosofia. Cadeira onde Silvério tornou-se professor por longo tempo. Notemos que ele



destaca o Departamento de Filosofia e História com a criação da Universidade Federal de Sergipe como uma instituição que começa a aparecer uma preocupação mais coletiva com a pesquisa da História. Diz ele que a instalação da UFS permitiu aos professores dedicarem mais tempo ao estudo e ao ensino. Destaca que começou aparecer “espíritos” da nova geração com outro modo de conceber a História (Sousa, 2013, p. 89-90).

Essa postura em defesa dos acervos e das instituições implicava também na efetivação de projetos com natureza pragmática, na reunião de fontes e reorganização dos acervos sergipanos. Fernando Sá destaca que, no emergir da década de 1970, “a heurística encontrava-se ainda descuidada entre nós. Além disso, importa observar que o historiador propõe, neste breve artigo, uma mudança de rumo da historiografia sergipana” (Sá, 2008, p. 16).

Todavia, essas ações não se restringiram ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Conforme foi destacado por Ibarê Dantas, “mesmo com pouca disponibilidade de tempo, dirigiu por alguns meses A Casa de Sergipe e ajudou a superar a crise que a afetava, persuadindo a professora Maria Thetis Nunes a assumir à presidência daquele órgão” (Dantas, 2006, p. 303). Ainda de acordo com Dantas, essa breve gestão nos idos de 1972, “diante de tantos infortúnios, recaiu sobre o renomado professor José Silvério Leite Fontes, que ocupava o posto de primeiro secretário, a responsabilidade de presidir interinamente o Instituto” (Dantas, 2012, p. 13).

Em perspectiva similar, Magno Santos destacou a atuação de Silvério Fontes no processo de renovação da historiografia sergipana. Isso teria ocorrido a partir de sua atuação no levantamento documental ao longo da década de 1970 e do impacto de seus “trabalhos sobre heurística” (Santos, 2014, p. 136). Um impacto que teria se restringido aos fazeres historiográficos universitários, mas que sinalizava para um momento de renovação. Nessa perspectiva, é legítimo o lamento de Ibarê Dantas ao dizer que “faleceu na manhã de 06 de dezembro de 2005 um dos maiores pensadores do século XX em Sergipe. *Um homem de pensamento e ação respaldados por uma fé inabalável*” (Dantas, 2006, p. 305).



Neste sentido, percebe-se que as leituras acerca dos escritos de Silvério Fontes, na fortuna crítica, elucidam o papel desempenhado sergipano nos fazeres historiográficos. Uma atuação que expressa um intelectual engajado, conforme a definição de Sirinelli. Em parte, por sua atuação prática na salvaguarda documental e organização dos acervos, ao angariar uma rede de profissionais da História em defesa dos arquivos públicos. Em parte, por sua atuação como docente de Introdução aos Estudos Históricos e apropriação do debate renovador da epistemologia da história no processo formativo das novas gerações de historiadores. Com isso, torna-se oportuno discorrer acerca da concepção de história defendida por Silvério Fontes.

2 “A percepção histórica é um fenômeno da cultura”: Silvério Fontes e a concepção de história

225


No âmbito dos fazeres historiográficos de José Silvério Leite Fontes, as principais contribuições providas do intuito de sistematizar uma definição de história encontram-se em sua tese defendida no Colégio Estadual de Sergipe em 1958. Publicada em livro, a tese intitulada “Formação do conceito de fato histórico na cultura ocidental” foi defendida como uma das exigências do concurso para professor catedrático de História Geral. Conforme foi salientado por Edmilson Menezes ao prefaciá-la a segunda edição:

O texto proposto por Fontes pretende elencar uma diversidade de correntes teóricas e contribuições historiográficas que, em última instância, pendem ora para a compreensão da história a partir de um sentido, ora para a apreciação do fenômeno histórico a partir de sua singularidade empírica. Então, trata-se de recompor a formação de um interesse pela história como um traço basilar da *Weltanschauung* ocidental (Menezes, 2020, p. 11).

Esse propósito observado pelo prefaciador evidencia um traço que perpassa por todo livro, que busca identificar as diferentes acepções atinentes ao sentido histórico no mundo ocidental.

Esse traço cultural não foi pensado pelo autor como algo estático e a-histórico. Ao contrário, ele buscou coadunar uma história da história em movimento, marcada pela renovação, retomada e abandono de ideias atinentes aos usos do passado. Com isso, Silvério Fontes ressaltou o aspecto que caracterizaria o mundo contemporâneo ocidental:

Uma das características marcantes de nosso mundo é precisamente o seu sentido histórico. O tema da existência temporal dos homens impregna suas mais altas manifestações. Como um tema verdadeiramente histórico, não foi dado aos ocidentais pronto e acabado. Possui uma gênese elucidativa dos próprios fundamentos espirituais constitutivos. O propósito do presente trabalho é descrever essa gênese e as possibilidades do espírito humano que ela revelou (Fontes, 2020, p. 29).

226



Os múltiplos sentidos atribuídos à história foram reconhecidos pelo historiador sergipano. De algum modo, ele associa essa dimensão a um traço da humanidade e por isso mesmo “outros povos e outras culturas, fora da cultura ocidental, tiveram consciência do histórico. Assim aconteceu aos egípcios, aos babilônios, aos persas, aos indus, etc. *A percepção histórica é um fenômeno da cultura*” (Fontes, 2020, p. 29). Apesar de identificar uma “intensidade inferior e menor profundidade” na consciência histórica desses povos, Silvério Fontes destacava que havia “no homem um atrativo radical por seu passado, vindo das intimidades das almas e do espírito, estruturado de acordo com sua configuração mental” (Fontes, 2020, p. 29-30).

Mas afinal, onde estaria guarnecida essa intensidade inferior e menor profundidade? Silvério Fontes explicita essa questão de forma assertiva, ao atribuir o problema à natureza da cosmovisão dos povos antigos. Em suas palavras, “as limitações da concepção histórica dos povos do Antigo Oriente correspondem a sua concepção cósmica, na qual prevalece a consideração do homem como elemento do processo cósmico” (Fontes, 2020, p. 30). Neste caso, as ações humanas eram entendidas como parte do cosmo e isso tornava “o fato histórico importante como exemplo da lei geral e como expressão do divino” (Fontes, 2020, p. 30).

Essa consideração do intelectual sergipano é devedora das leituras de obras historiográficas e da produção atinente à filosofia católica, na qual o mundo contemporâneo era lido como um constructo resultante do cristianismo. Para o autor, até mesmo nos hebreus havia a limitação, pois, “a historiografia do Antigo Testamento – grande compêndio da cultura hebraica – não se distingue das congêneres. Nela, também, Deus preside aos acontecimentos diretamente” (Fontes, 2020, p. 32). Assim, o mundo ocidental teria eclodido da ruína, sob a qual havia sido erigida uma nova civilização. O ocidente seria resultante da confluência entre diferentes culturas. Esta tese foi assim explanada por Silvério Fontes:

Os primeiros séculos da Idade Média representaram para a Europa Ocidental uma importante fase do reinício cultural. Das ruínas do mundo romano surgiu uma nova civilização, fecundada pelos povos germânicos e pelo influxo do cristianismo. Antiguidade, Germanismo e Cristianismo formaram, pois, a tríade basilar que deu começo à nova Cultura. Somos, hoje, filhos desse movimento histórico contínuo, cujo núcleo foi a Europa atlântico-mediterrânea (Fontes, 2020, p. 29).

A concepção de senso histórico defendida por Silvério Fontes carregava um forte peso da dimensão cristã, circunscrita a um espaço específico: a Europa situada entre o Mediterrâneo e o Atlântico. Tratava-se exatamente do recorte espacial que havia sido responsável pela renovação historiográfica e pelo processo de colonização no novo mundo. Ao vislumbrar o passado europeu, ele situava o que tinha como gênese do pensamento e da sociedade no seu tempo e no seu espaço.

Contudo, apesar de reconhecer as aproximações entre os pensamentos historiográficos hebreu e cristão, Silvério Fontes buscou ressaltar os distanciamentos e as características que especificavam cada segmento. Assim, em sua concepção, “os judeus foram os primeiros a desenvolver uma filosofia coerente da História” (Fontes, 2020, p. 33). Com isso, a história galgava um novo sentido:

O Deus dos judeus não era, primordialmente, uma divindade da natureza, mas o Deus da História... A História não era uma crônica insensata de ações isoladas; todas as ações do homem ganhavam um sentido, um significado, um novo valor. Foram relacionadas com Deus, com o sentido fundamental da vida. A História converteu-se na via de Deus (...). A Bíblia é um testemunho dos acontecimentos, as obras de Deus na história (Fontes, 2020, p. 33-34).

Na leitura de Silvério Fontes, com os judeus, a história passava a galgar um sentido, uma atribuição, um direcionamento, incluindo o de ser testemunho dos acontecimentos. Evidentemente, o intelectual ressaltava o fato desses acontecimentos testemunhados nos textos bíblicos serem de natureza divina e não resultantes da ação direta dos humanos, mas essa inovação teria constituído um passo decisivo na construção da consciência história que iria prevalecer na cultura ocidental. Desse modo, “o homem é agente da história, mas Deus, usando os designios limitados desse agente, realiza, no final, seus próprios designios” (Fontes, 2020, p. 33).

Por tal perspectiva, na leitura de Silvério Fontes, o período medieval era tomado como o momento de uma centralidade singular na renovação do pensamento historiográfico e construção de uma cultura pautada na consciência histórica. Tratava-se de um percurso trilhado por caminhos tortuosos, permeado de tensões e conflitos. Como o próprio autor asseverou: “os séculos medievais elaboraram a síntese fundamental de nossa Cultura, mas através de vacilações, incertezas, obstáculos infinitos” (Fontes, 2020, p. 47).

Pautado na leitura de Marc Bloch, Fontes observou que a História possuía um determinado valor para a sociedade medieval, “pelos livros sagrados, tinha livros de história; suas festas comemoravam acontecimentos; sob as formas mais populares, nutria-se dos contos muito antigos acerca dos santos” (Fontes, 2020, p. 48-49). Neste sentido, as narrativas históricas oscilavam entre o sagrado e o civil, pois a “História medieval ora estudava a Igreja, ora a vida dos santos, ora os feitos dos povos da Nova Europa. Fazia-se sob a forma de Anais e Crônicas” (Fontes, 2020, p. 49). Com isso, o período



medieval elucidava o emergir de uma nova forma de pensar o mundo: a consciência histórica.

A discussão acerca do fato histórico no âmbito da cultura ocidental perpassou por diferentes momentos e influências, com destaque para as renovações oriundas do período medieval, do renascimento, do iluminismo e os aspectos gerais provenientes do século XIX, com as escolas românticas e realistas, como o marxismo e o positivismo. Se, por um lado a história era um conhecimento consolidado ao longo do oitocentos, com a divisão entre “conceituar a verdade histórica como verdade dos fatos humanos ou dos atos humanos” (Fontes, 2020, p. 117), Silvério Fontes ressaltava as contribuições oriundas do setecentos. Em seu entendimento,

O século XVIII elaborou os conceitos principais que nosso tempo tem por descritivos do fato histórico: causa, conjuntura temporal, contingência, desenvolvimento, progresso, necessidade histórica, relatividade dos valores históricos, etc. Quis justificar a História pondo, immanentemente, nos acontecimentos, a razão humana (Fontes, 2020, p. 116).

229
»»»»»

Em suas considerações, os fazeres historiográficos no século XX tinham como lastro os preceitos normativos instituídos ao longo da centúria setecentista, notadamente, no que concernia ao fato histórico. Assim, as inúmeras tensões eclodidas ao longo do século XIX haviam contribuído para a instauração de uma crise pautada no antagonismo entre os diferentes paradigmas concorrentes. Igualmente a insuficiência de tais paradigmas na explicitação da experiência histórica reafirmava também a diretriz de ter como cerne a realidade humana. Para Silvério Fontes,

Esse grande conflito de tendências subjetivistas e objetivistas reabriu o problema da História. O fracasso parcial do Romantismo fez sentir a necessidade de melhor análise do conhecimento histórico. O fracasso parcial do Positivismo mostrou que há uma peculiar realidade humana, transcrita no tempo. É mister conhecer o reino hominal. A História oferece-se como

instrumento imprescindível desse conhecimento (Fontes, 2020, p. 115).

Essa leitura acerca da finalidade do conhecimento histórico centrada no humanismo evidencia uma dimensão católica do historiador, na qual, o estudo do passado busca encontrar um sentido, uma unidade que aproxima diferentes culturas e experiências no âmbito da humanidade. Por tal motivo, ele concluía que a História era um conhecimento que convidava “à pesquisa da verdade do Homem e visão do mesmo Homem como obra de arte, cheia de beleza” (Fontes, 2020, p. 116).

Ao mobilizar o método histórico, Silvério Fontes reconhecia a necessidade de investigar o humano. Em parte, dentro dos preceitos estabelecidos por Ranke, na premissa de que “todos os historiadores se inspiram num sublime ideal: o dos próprios fatos, em sua compreensibilidade humana, em sua unidade e em sua plenitude” (Fontes, 2020, p. 116). Em parte, ao compartilhar da proposição de Jacobi, na qual a história tinha “a humanidade, o tema fundamental de nossos estudos” (Fontes, 2020, p. 116).

A definição de história foi também um problema que Silvério Fontes discorreu no XI Simpósio Nacional de História da ANPUH realizado em João Pessoa nos idos de 1981. Naquela ocasião ele defendeu que a “História interessa-se pela existência do homem em sociedade, a partir de certos princípios de temporalidade” (Fontes, 1981, p. 57). Em suas palavras, a História,

quer ver as essências enquanto investidas nos existentes. Com a História, o ciclo do conhecimento humano chega a seu acabamento: havendo partido do singular concreto, a ele volta enriquecido de todas as suas abstrações. Na História, encontramos as essências como efetivamente existem, como algo que são inseparavelmente – em si e para outras, nunca definidas isoladamente, nunca absolutas e externas, salvo a eternidade de cada momento (...). Em suma não é exato que a História vise ao singular, pura e simplesmente, mas ao universal enquanto singularizado e ao singular enquanto portador de universais (Fontes, 1981, p. 58).



Pautado nesta premissa epistêmica, Silvério Fontes mobilizou o conhecimento histórico como instrumento para ler o passado de sua terra. Nesta perspectiva, o autor operacionalizou os fazeres historiográficos em suas publicações em defesa da construção de uma historiografia sergipana e do fomento à formação de novos profissionais habilitados para pensar o passado estadual.

Considerações finais

Silvério Fontes é de forma recorrente atribuído como um dos principais baluartes do pensamento historiográfico sergipano ao longo do século XX. Intelectual polígrafo, com significativas contribuições nos campos do Direito e da História, ele exerceu uma forte influência no processo de profissionalização dos saberes históricos em Sergipe, tanto por meio da docência em componentes curriculares voltados para a formação procedimental, quanto pela escrita que problematizava os fazeres historiográficos e denunciava o descalço do poder público em relação aos arquivos, ou ainda, pela atuação prática em cargos ocupados em diferentes instituições.

Tais instâncias de dessa trajetória evidenciam as escolhas de um profissional da história multifacetado, que atuou em diferentes frentes. Trata-se, portanto, de um historiador que pode ser lido a partir de uma dimensão mais estreita atinente à noção de intelectual, pois é possível observar em diversas situações o engajamento do sergipano em defesa de causas relativas ao catolicismo, ao sindicalismo e aos fazeres historiográficos.

No âmbito dos fazeres historiográficos, os escritos do autor situam uma militância em defesa da história como como recurso para a construção identitária e como instrumento para reafirmar a humanidade. No primeiro caso, ele situava criticamente a condição rudimentar dos pesquisadores que vislumbravam o passado sergipano,

Cada um tem de procurar exaustivamente a documentação necessária em arquivos semi-organizados ou completamente desorganizados, arquivos e bibliotecas sem classificação de seu acervo, e, nos lugares mais diversos, documentos dispersos (Fontes, 1978, p. 8).



Essa postura crítica, acompanhada da iniciativa de liderar projetos voltados à heurística e à formação de historiadores pautada no uso de documentos resultaram na reformulação da pesquisa histórica em terras sergipenses. Por outro lado, ele também estabeleceu as premissas de pensar a história como um recurso de valorização da humanidade. Isso deveria ocorrer na esfera estadual, pois, para que Sergipe se tornar “uma área social distinta e definida, no seio da nacionalidade, precisa aprimorar, em termos objetivos, sua consciência histórica. Ela também contribuirá para humanizar os sergipanos, pois a História nos revela o que é humano” (Fontes, 1978, p. 13). Em dias tão sombrios marcados por genocídios e tiranias, o pensamento de Silvério Fontes acerca da história como recurso de humanização continua a ser uma premissa necessária e basilar.

232



Referências

- ALBUQUERQUE, Samuel. Silvério Fontes, Vladimir Souza Carvalho e José Calasans: pioneiros da História da Historiografia sergipana. In: ALBUQUERQUE, Samuel (Org). **José Calasans e Sergipe**. Aracaju: IHGSE/EDUFS, 2016, p. 38-69.
- ALVES, Francisco José. **A rede dos conceitos**. São Cristóvão: EDUFS, 2010.
- DANTAS, José Ibarê Costa. José Silvério Leite Fontes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N. 35, Aracaju, 2006, p. 297-308.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **História da Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE (1912-2012)**. São Cristóvão: EDUFS; Aracaju: IHGSE, 2012.
- DANTAS, José Ibarê Costa. A Revista centenária da Casa de Sergipe (1913-2013). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N. 43, Aracaju, 2013, p. 45-62.
- DETONI, Piero. História, ciência, e sociedade em Fausto Cardoso. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**. V. 14, n. 36, Ouro Preto, 2021, p. 197-224.
- FONTES, José Silvério Leite. **Formação do Conceito de Fato Histórico na Cultura Ocidental**. 2ª. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2020.
- FONTES, José Silveiro Leite. Jackson de Figueiredo – Cem anos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. N. 31, Aracaju, 1992, p. 155-173.

FONTES, José Silveiro Leite. Tobias Barreto – Monismo e Dualismo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. N. 30, Aracaju, 1989, p. 79-88.

FONTES, José Silveiro Leite. Introdução ao Direito Provincial Sergipano. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. N. 29, Aracaju, 1987, p. 61-74.

FONTES, José Silveiro Leite. O pensamento filosófico de Jackson de Figueiredo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. N. 28, Aracaju, 1982, p. 33-46.

FONTES, José Silveiro Leite. A História como ciência. In: CANABRAVA, Alice (Org.) **Anais do XI Simpósio Nacional de História**. João Pessoa: ANPUH, 1981, p. 56-58.

FONTES, José Silveiro Leite. A heurística e a história de Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. N. 27, Aracaju, 1978, p. 7-13.

FREITAS, Itamar. **Historiografia sergipana**. São Cristóvão/ SE: Editora UFS, 2007.

FURTADO FILHO, João Ernani. Manuais de Iniciação aos Estudos Históricos e a questão da utilidade do conhecimento. **História Unisinos**. V. 21, n. 2, São Leopoldo, 2017, p. 179-190.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, “pensador da História” na Primeira República. **Revista Brasileira de História**. V. 23, n. 45, São Paulo, 2003, p. 129-154.

GUIMARÃES, Reinaldo. Tempo integral e dedicação exclusiva: voltar às origens. **Revista Advir**. N. 1, Rio de Janeiro, 1992, p. 1-12.

MENEZES, Edmilson. Ocidente e interesse histórico: a propósito de Formação do Conceito de Fato Histórico na Cultura Ocidental de José Silvério Leite Fontes. In: FONTES, José Silvério Leite. **Formação do Conceito de Fato Histórico na Cultura Ocidental**. 2ª. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2020, p. 7-18.

NASCIMENTO, Afonso. Silvério Fontes e a esquerda católica. **Jornal do Dia**. 24 de dezembro de 2024, p. 1.

NASCIMENTO, Afonso. Silvério Fontes e o complexo de inferioridade do sergipano. **Jornal do Dia**. 17 de janeiro de 2025, p. 1.

NOBRE, Clívyda da Silveira. “**Não houvesse no Brasil esses autodidatas precursores**”: docentes e a produção do Ensino Superior de História no Rio Grande do Norte (1955-1991). Natal, 243. Dissertação (Mestrado em História). UFRN, 2023.

NUNES, Maria Thetis. Elogio a José Silvério Leite Fontes. **Revista da Academia Sergipana de Letras**. N. 36, Aracaju, 2005, p. 131-137.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados**: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954). Tese, 319f. (Doutorado em Educação). PPGED/UFS, 2015.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. **O Direito ao Passado**: uma discussão necessária à formação do profissional de História. Aracaju: EDUFS, 2011.

PEIXOTO, Renato Amado. A primeira onda de ataques a Jacques Maritain na América do Sul (1937-1938): um estudo de caso pensando a anomalia junto aos conceitos de inferioridade e habitus. **História: debates e tendências**. V. 23, Passo Fundo, 2023, p. 10-33.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. História da Historiografia de/em Sergipe (1972-2007). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N. 37, Aracaju, 2008, p. 15-26.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Assim se faz história, assim deve ser ensinada”: Manoel Bomfim e a instrução histórica no ensino primário (1899-1930). **Anos 90**. Vol. 28, Porto Alegre, 2021, p. 1-21.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a invenção da historiografia sergipana. In: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros; SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Ane Luíse Silva Mecenas (Orgs). **História, memória e comemorações na Casa de Sergipe**: os 100 anos do IHGSE. Aracaju: IHGSE, 2014, p. 107-156.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. **História e Historiografia Sergipana**. São Cristóvão: CESAD, 2013

